



 **NOVA
LETRA**

uma publicação do CEDAC



NOVA LETRA

edição nº 2 - ano 2004

Coordenação geral
Cristina Pereira

Edição / textos
Clara Assumpção
Cristina Zelmanovits

Coordenação de produção
Fátima Assumpção

Projeto gráfico e editoração
Luciana Wolf

Ilustrações
Professoras e Alunos do Programa Escola que Vale, Projeto Emails Pedagógicos Telemar, Bei Comunicação, FUNDHAS, Flip - Festa Literária Internacional de Parati

Fotos
Equipe CEDAC

Produção gráfica
Raquil Lange e Luciana Mansur

Revisão de texto
Claudemir de Andrade

PARCEIROS EM PROJETOS

ACA – Associação Casa Azul
Bei Comunicação
BNDES
Fundação Roberto Marinho / Canal Futura
Companhia Vale do Rio Doce
Fundação Vale do Rio Doce

Fundhas – Fundação Prof. Helio Augusto de Souza
IEL – Instituto Escolar Laranjeiras
Instituto Telemar
Instituto Votorantim
Pará Pigmentos S.A

Prefeituras e Secretarias Municipais de Educação:

Açailândia (MA)	Jundiá (SP)
Aimorés (MG)	Marabá (PA)
Alto Alegre do Pindaré (MA)	Paragominas (PA)
Barcarena (PA)	Parati (RJ)
Canaã dos Carajás (PA)	Parauapebas (PA)
Catas Altas (MG)	Rio Piracicaba (MG)
Curionópolis (PA)	São José dos Campos (SP)
Eldorado dos Carajás (PA)	São Luís (MA)
Governador Valadares (MG)	Serra Pelada (PA)
Ipixuna do Pará (PA)	Vassouras (RJ)
Itatiaia (RJ)	Visconde de Mauá (RJ)
João Neiva (ES)	



EDITORIAL

A educação vem se anunciando como estratégia privilegiada para o estabelecimento de um novo contrato social. Diversos grupos trabalham com a hipótese de que a criação de um contexto que reúna diferentes instâncias para pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem incidirá sobre o avanço das regiões.

O encontro com César Coll, professor doutor de Psicologia da Educação na Universidade de Barcelona, propiciou não apenas visibilidade sobre o fato de já termos experiências neste sentido, como também instigou nossas cabeças para começar a trabalhar com mais intencionalidade na perspectiva das Comunidades de Aprendizagem, assunto que aparece logo nas primeiras páginas.

Vivemos um contexto de parcerias bastante apropriado para o desenvolvimento de ações que chamam à responsabilidade e partilha entre os muitos que visam ampliar o próprio conceito de educação. Assim, o compromisso do CEDAC e de seus parceiros tem sido o de buscar respostas possíveis para essa nova cultura da aprendizagem.

A tentativa de avançar e refletir em função de informações com as quais estamos constantemente interagindo é marca de batismo de nossa relação com a aprendizagem. Nesta revista, convidamos você, leitor, a conhecer os passos que demos em 2004. Alguns revelam novos rumos para antigos projetos, enquanto outros se apresentam pela primeira vez. O que há em comum entre eles? A vontade de fazer cada vez mais e melhor aquilo que entendemos como caminhar no sentido de tornar a educação um patrimônio de todos e para todos. ■





César Coll fala para as equipes do CEDAC, Fundação Vale do Rio Doce, Canal Futura, Iniciativa Brasil, Perspectiva, CDI, Martins Pereira e Agência 21, em setembro de 2004.

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Do modo como está estruturada, a escola não pode satisfazer todas as necessidades educativas do mundo atual. Partindo deste pressuposto, César Coll apresenta um projeto que mostrou alternativas para esta situação em Terrassa, na Espanha. As Comunidades de Aprendizagem representam mais do que um avanço educativo. São consideradas estratégias de desenvolvimento econômico e social.

As Comunidades de Aprendizagem são experiências que envolvem diversos setores da sociedade que se co-responsabilizam pela aprendizagem dos cidadãos. Nelas, diferentes instâncias podem refletir juntas sobre o que, como, onde e para que ensinar. A aprendizagem aqui não passa necessariamente pela escola e deve ser compreendida em sentido mais amplo, não apenas para crianças e jovens em idade escolar, mas para a vida toda. Não se trata de negar a importância da escola, mas de se redescobrir o seu papel educativo dentro da sociedade.

Muitas aprendizagens hoje consideradas básicas precisam da colaboração de outros agentes sociais. Por isso, uma Comunidade de Aprendizagem só se faz com parceiros que compartilhem recursos e tenham objetivos comuns, contribuindo de diferentes formas – alguns economicamente, outros com competência técnica ou ainda apoio moral. A experiência em Terrassa reuniu, por exemplo, meios de comunicação, empresários, câmaras de comércio, sindicatos, associações de cultura e lazer e poderes públicos.

Para uma Comunidade de Aprendizagem caminhar é fundamental que as pessoas que ali vivem se sintam pertencentes ao local. Sem o sentimento de identidade é praticamente impossível que todos se motivem para alcançar os objetivos escolhidos de acordo com suas próprias necessidades. Eleger prioridades dentro de grupos com diferentes pessoas e interesses distintos não é fácil. Por isso, torna-se necessário elaborar um plano concreto de atuação com objetivos, prazos e recursos realistas.

É importante ressaltar que em qualquer comunidade há sempre muitos recursos que podem ser utilizados para a educação. Considerar a aprendizagem num sentido amplo e convertê-la em estratégia para o avanço de uma região mostra que uma grande transformação – mesmo que não seja a solução para todos os problemas sociais - pode começar com pequenos passos. Como os que César Coll nos inspira a dar. ■



Ilustres Convidadas

Neste ano, as professoras Ana Teberosky e Delia Lerner, pesquisadoras na área da linguagem, também estiveram no CEDAC para uma supervisão com nossa equipe pedagógica. De Barcelona, Ana veio discutir dois capítulos do último livro que organizou, Contextos de alfabetização inicial (Porto Alegre: Artmed, 2004). Conversamos sobre as condições que precisam ser garantidas no processo de alfabetização e sobre o trabalho com língua oral. Delia, de Buenos Aires, discutiu seqüências de atividades de pontuação. Com sua assessoria, pudemos pensar a respeito das práticas escolares que procuram contemplar esse conteúdo e ao mesmo tempo avançar nas reflexões em nosso trabalho com professores. É sempre um prazer receber visitas tão especiais, sobretudo quando legitimam nosso papel de comunidade que ensina e que também aprende. ■

PALAVRAS PARATODOS



Não só os belos olhos d'água de Chico Buarque arrepiaram cada paralelepípedo da cidade na segunda Festa Literária Internacional de Parati, a FLIP, realizada em julho de 2004. Neste encontro que reuniu escritores brasileiros e estrangeiros, em parceria com a Secretaria de Educação, o CEDAC, agora com o patrocínio da Nestlé, realizou oficinas para alunos de 5ª a 8ª séries das escolas municipais de Parati, que resultaram em 26 livros (veja página 9).

O projeto, que no ano anterior se deu apenas durante o evento, desta vez começou mais cedo. Durante os meses de abril, maio e junho, a formadora Cristina Zelmanovits trabalhou com doze professores de 3ª e 4ª séries da rede pública de Parati. Nas reuniões, foram discutidos temas que vão desde a formação do professor-leitor até as diferentes etapas que envolvem o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula.

Os quase 300 livros escritos pelos alunos destes professores se somaram às produções dos alunos que participaram da oficina durante o evento, compondo um acervo de narrativas que incluem seres fantásticos, personagens tradicionais e muitos outros, em adaptações cuidadosas e cheias de emoção.

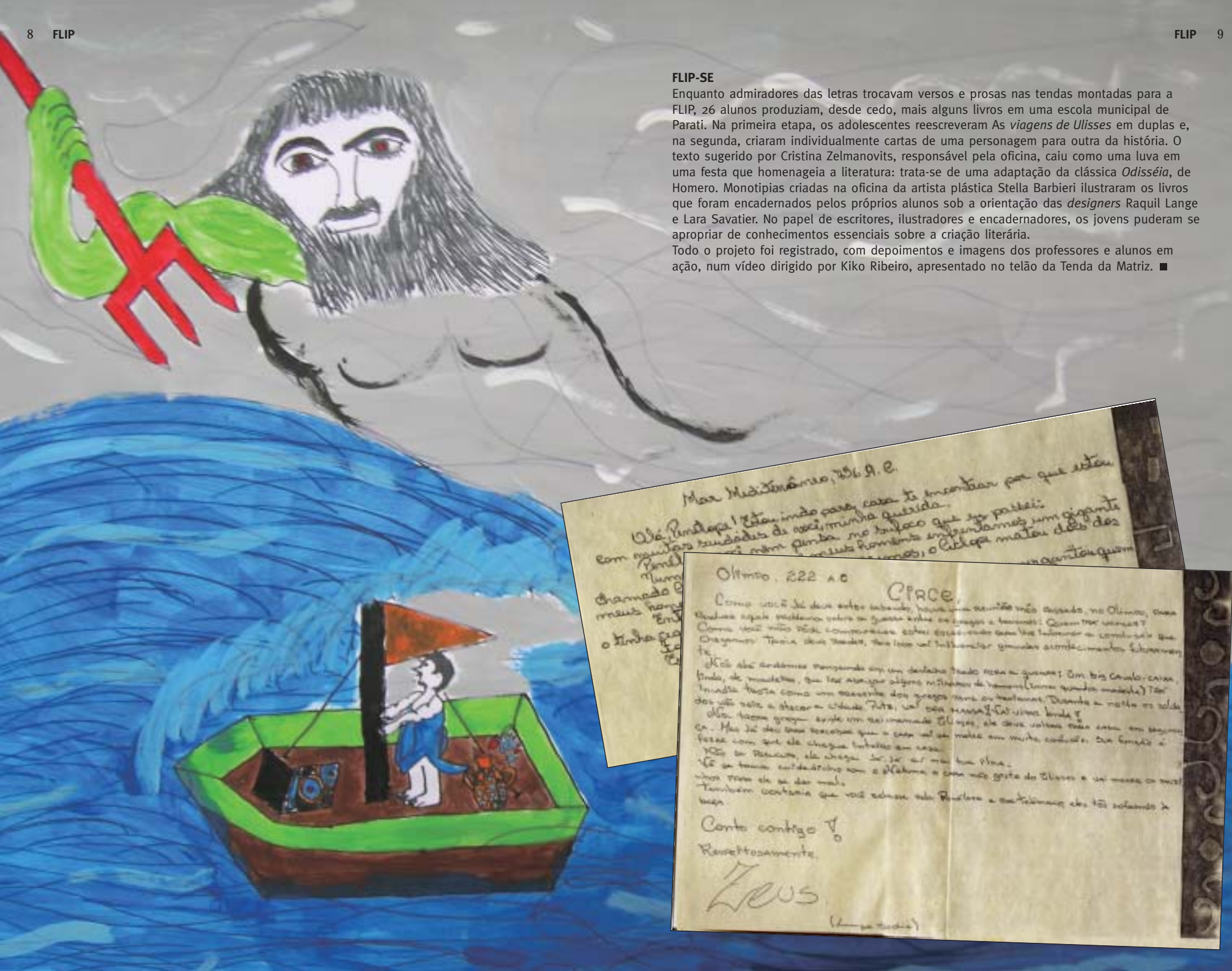
Com fome de livro e alimentados por desafios, alunos e professores mostraram estar por dentro da “palavra de ordem” da FLIP: foram *flipados!* Afinal, como já disse Arnaldo Antunes, escritor que também participou da festa, “a gente não quer só comida”. ■

“O monstro espunhudo”

Este monstro é espunhudo e assustador
 As crianças que não para a floresta ficam com
 muito medo, mas o monstro espunhudo não come
 ninguém e ele se protege
 Não faz mal a ninguém e também não deixa
 ninguém fazer mal ao filho dele
 Ele sempre protege os outros bichos que ficam
 com ele

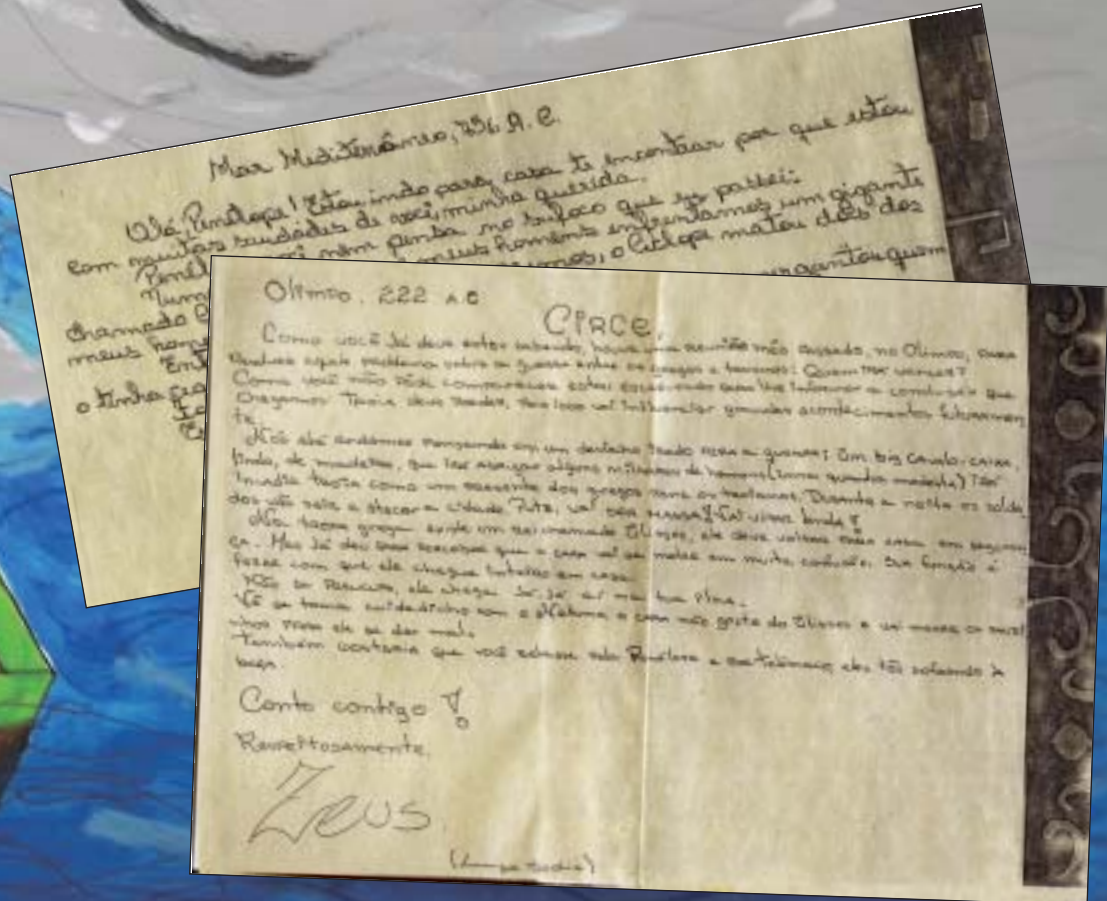


aluno: Caê Júnio da Conceição, 4ª série, E.M. Martim de Sá (Praia do Sono, Parati),
 prof: Dalton Paschoa de Castro.



FLIP-SE

Enquanto admiradores das letras trocavam versos e prosas nas tendas montadas para a FLIP, 26 alunos produziam, desde cedo, mais alguns livros em uma escola municipal de Parati. Na primeira etapa, os adolescentes reescreveram *As viagens de Ulisses* em duplas e, na segunda, criaram individualmente cartas de uma personagem para outra da história. O texto sugerido por Cristina Zelmanovits, responsável pela oficina, caiu como uma luva em uma festa que homenageia a literatura: trata-se de uma adaptação da clássica *Odisseia*, de Homero. Monotipias criadas na oficina da artista plástica Stella Barbieri ilustraram os livros que foram encadernados pelos próprios alunos sob a orientação das designers Raquil Lange e Lara Savatier. No papel de escritores, ilustradores e encadernadores, os jovens puderam se apropriar de conhecimentos essenciais sobre a criação literária. Todo o projeto foi registrado, com depoimentos e imagens dos professores e alunos em ação, num vídeo dirigido por Kiko Ribeiro, apresentado no telão da Tenda da Matriz. ■



Mãe Medoniana, 156 A. E.
 Olá, Penélope! Está indo para casa te encontrar por que está com muitas saudades de você, minha querida.
 Não me perdoe por não ter ido antes, mas agora estou aqui.
 Chame-me de pai.
 O filho de Zeus

Olympo, 222 A. E.
 C/PAPEL
 Como você já deve estar sabendo, houve uma reunião muito agradável no Olimpo, com todos os deuses presentes. Como sempre, fomos muito felizes em nos reunirmos e conversar. Quando foi a vez de Zeus falar, ele disse que gostaria de saber como você estava se saindo com o casamento. Fiquei muito feliz em saber que tudo estava bem.
 Não se esqueça de dizer ao Ulisses que estou esperando por ele.
 Até se tornar casado com a Penélope e com esse gesto de Ulisses e de todos os outros deuses.
 Também gostaria que você escrevesse para Penélope e a informasse de tudo o que estou fazendo aqui.
 Conto contigo!
 Respeitosamente,
 Zeus
 (Linha de água)

APRENDER ALÉM DA ESCOLA

Contribuir para mudar a trajetória de vida de crianças e jovens é o objetivo da Fundhas (Fundação Hélio Augusto de Souza). Em parceria com a prefeitura de São José dos Campos, a fundação desenvolve um trabalho complementar ao ensino público da cidade: nos horários em que não estão na escola, as crianças e os adolescentes de 7 a 18 anos contam com atividades culturais, de educação ambiental, de educação física e de informática. A idéia é despertar o seu interesse para a cidadania e promover uma integração à sociedade, inclusive com maiores oportunidades no mercado de trabalho.

Desde o segundo semestre de 2003, Ana Inoue, coordenadora pedagógica do CEDAC, trabalha com a formação de um grupo de 130 pessoas, composto por professores, coordenadores e gestores da Fundhas. Essa equipe atua em 16 das 21 unidades da Fundação, desenvolvendo atividades com cerca de 2.300 alunos.

O eixo de orientação do CEDAC é ampliar o universo cultural dos alunos por meio da leitura e da escrita, uma vez que a competência para ler e escrever é fundamental não apenas para que sigam aprendendo na escola, mas também para a participação em diferentes situações sociais. A metodologia de formação utilizada é o desenvolvimento de projetos didáticos que permitam estabelecer relações entre as diferentes disciplinas. As atividades planejadas buscam atribuir sentidos reais às aprendizagens, além de um propósito social para a produção e a leitura de textos. ■

A pintura que ilustra esta página foi feita nas primeiras oficinas de arte oferecidas ao grupo de professores da Fundhas, realizadas pelos especialistas Alex Ceverny, Helô Pacheco, Morena Godoy e Stela Barbieri.



e-mails pedagógicos



Meus alunos já se habituaram a realizar esse tipo de atividade de leitura. No caso da poesia sugerida foi bem interessante. Já trabalhei esse texto com os alunos em outras oportunidades e é um texto que já memorizaram. A princípio, pensei que fosse ser muito fácil, porém depois achei que poderia ser bastante proveitosa para os alunos que ainda não lêem convencionalmente. De fato, foi muito legal.

Pelo que entendi, a atividade foi desafiadora apenas para os que não lêem convencionalmente. O que você imagina que os leitores convencionais poderiam ter feito? Pergunto, porque é possível, a partir de um mesmo texto, oferecer diferentes desafios. Para os que lêem, por exemplo, você poderia ter pedido que colocassem a parte preferida do texto para grifar. Dessa forma, eles também teriam que realizar a leitura por conta própria, porém com mais autonomia e sem precisar recorrer às pistas do texto, que servem mais para aqueles que precisam construir estratégias de leitura porque ainda não lêem de forma convencional.

O livro e-mails pedagógicos, a ser lançado ainda este ano, reúne a troca de correspondências entre formadoras do CEDAC e professoras e diretoras de Vassouras e Visconde de Mauá, ambas no Rio de Janeiro.

A idéia das 195 páginas é fazer com que o leitor participe das “conversas” que surgiram a partir dos conflitos e das descobertas pelos quais passam os professores que ensinam as séries iniciais a ler e a escrever.

Partindo da vida na sala de aula como ela é, a publicação, que contou com a parceria do Instituto Telemar e com a supervisão pedagógica de Telma Weisz, quer ser um convite para a escola repensar sua prática de trabalho com Língua Portuguesa, contando com a ajuda da tecnologia.

Os e-mails pedagógicos mostram ser possível fazer um trabalho de formação sério e consistente que, mesmo à distância, acompanhe a aprendizagem e a evolução das produções infantis. Textos, desenhos e idéias das crianças também saltam do livro para ilustrar os relatos dessa experiência. ■



BEITA-FIOR-DOURADO

NOME CIENTÍFICO: *MYZOMELA CHRYSAEUS*
 NOMES POPULARES: PICA-FIOR - RAIN-DE-SOL - CHUFA-FIOR
 DESCRIÇÃO: ELE É VERDE E DOURADO COM PÉRIAS MINHAS
 COMO EM DALHO
 ONDE É ENTRADO: NO BRASIL: MINAS GERAIS, SÃO
 PAULO, RIO GRANDE DO SUL
 HABITAT: NAS FLORESTAS NOS JARDINS E NAS
 PRAÇAS
 O QUE ELE COME: INSETOS PEQUENOS, MAS O QUE GOSTA MESMO
 É DO NECTAR DAS PLANTAS
 REPRODUÇÃO: FÊMEA BOTA SEMPRE DOIS OVOS
 BRANQUINHOS
 CURIOSIDADE: É A VEZ MENOR E MAIS ENGANTE DOA



Professores municipais de São Paulo trabalham em oficinas de desenho, fotografia e história em quadrinhos.

450 IDÉIAS, OU MAIS



Com a elaboração do kit *São Paulo 450 anos*, uma parceria entre o CEDAC, a BEI Comunicação, os institutos Unibanco, Votorantim e Gtech, comemorou o aniversário da cidade. O material composto por dois livros sobre a história da cidade e de suas escolas, além de pranchas com fotografias e ilustrações antigas, é voltado para professores do Ensino Fundamental e diretores de escolas públicas. O projeto contou também com oficinas de arte para cerca de 500 professores, propondo sugestões de como utilizar o kit em classe.

No que depender desses professores, o aniversário de São Paulo será lembrado com muita criatividade nas salas de aula. Pelo menos foi o que se viu durante as oficinas realizadas numa escola da zona leste da cidade.

Na oficina de artes plásticas, de Chaké Ekizian, o grupo começou trabalhando o olhar: com lápis na mão, buscou janelas para desenhar a vista. Depois, cada participante imaginou a “sua” cidade ideal, com hospitais e escolas na periferia, além, é claro, de bons salários.

Depois de uma conversa sobre a diversidade de pessoas da cidade, a turma criou personagens na aula de história em quadrinhos de Davi Carvalho. Dos papéis, surgiram *drag queens*, assaltantes e meninas loucas por fama.

A sala, cheia de fios, microfones e um computador mostrando ondas sonoras, não era um estúdio, mas inspirou locutores amadores. Na oficina de rádio, Pedro Mourão mostrou *jingles*, noticiários e propagandas para uma turma animada, que gravou episódios da história da cidade para a fictícia Rádio Metrópolis, “a rádio que viaja no tempo”.

Os professores fizeram fila para entrar na oficina de *pin hole* (“buraco de agulha” em inglês), técnica em que se faz fotos através de um furo minúsculo em uma lata. Inaê Coutinho falou sobre a história da fotografia, mostrou como construir câmeras com lata, manipular papel fotográfico e revelar.

Com os livros nas mãos e várias idéias novas na cabeça, os professores pareciam sair satisfeitos depois de dois dias de bastante trabalho. E a história continua nas escolas municipais. ■

Veja mais sobre este projeto no site: www.aprenda450anos.com.br



Arte na Pele

Em junho deste ano, as Coordenadoras Regionais (CRs) do Programa Escola Que Vale se reuniram para vivenciar e aprender um pouco mais sobre arte. Na oficina de Sylvia Helena Boock, o grupo observou com uma lupa as texturas das peles de diferentes animais para depois desenhá-las em acetato. Ao final, lançaram as belas imagens produzidas na parede com um retroprojetor e mergulharam nos desenhos ampliados. Com companheirismo e muito astral, as CRs sentiram a arte na própria pele! ■



Alunos participantes do Programa Escola que Vale de Ipixuna do Pará



ESCOLA QUE VALE

Uma boa palavra para definir o Programa Escola que Vale é parceria. Não se trata de figura de linguagem: tendo profunda convicção de que educação se faz com o apoio e a colaboração da sociedade, a Fundação Vale do Rio Doce, o CEDAC e as prefeituras de diversas cidades do Brasil mergulharam de cabeça neste trabalho.

Destinado às redes municipais de ensino, o Escola que Vale tem como principal objetivo desenvolver e capacitar professores, supervisores e diretores, ajudando-os a formar alunos que sejam verdadeiros cidadãos da cultura escrita.

Uma coisa é certa: sem professores que estudam e se comprometem com a aprendizagem, jamais a escola poderá se transformar em um espaço de formação permanente, aberto à análise e à reflexão da realidade. Além disso, a estrutura material, o acompanhamento efetivo e a criação de espaços de convívio se tornam fundamentais e ressaltam a importância dos papéis dos supervisores e dos diretores. Tudo isso, de algum modo, entra no caldo do Escola que Vale, que busca transformar a experiência escolar numa aventura pedagógica digna de ser vivida.

Com seus cinco anos de existência, o premiado Programa tem se ampliado. Além da participação de novos municípios, mais ações foram implementadas. As próximas páginas tentam mostrar um pouco dos caminhos trilhados até aqui. ■

Veja o nº de participantes do Programa Escola que Vale desde sua implantação:

	Diretores	Supervisores	Professores	Formadores na Fase 2*	Alunos	Coordenadores e Produtores Locais	Participantes das oficinas de artes	Total de Beneficiários	Municípios	Escolas
1999							1.455	1.455		
2000	25	5	239		7.033	12	2.595	9.909	6	25
2001	114	116	329		9.432	16	1.450	11.457	8	33
2002	163	120	360		10.035	24	960	11.662	12	79
2003	92	55	879	64	27.535	35	1.750	30.410	16	148
2004	176	191	1.248	69	36.387	55	2.815	40.941	16**	196

* leia texto sobre a Fase 2 do programa na página 26.

** O programa está em 18 localidades dos 16 municípios.

No site www.escolaquevale.org.br você conhece a **fundamentação**, a **concepção didática**, o **cardápio de projetos** e as **fases do programa**. Na página de cada **município**, você acompanha os projetos desenvolvidos a cada semestre nas escolas e visita as **casas do professor**. Ainda aprecia na **galeria** uma exposição virtual dos **produtos finais** e dos trabalhos feitos nas **oficinas de arte**, fica sabendo dos outros eventos do programa, como os **seminários de formação** e participa dos **fóruns de discussão**. ■



A Casa do Professor de Curionópolis foi pintada por alunos e professores

SUBINDO PELAS PAREDES

De um dia para o outro, a Casa do Professor da cidade de Curionópolis, no Pará, virou ponto turístico. É que uma idéia diferente deu novos ares à casa, inaugurada no dia 15 de outubro, e mostrou que, com um pouco de criatividade, alunos e professores podem se apropriar do espaço em que vivem e deixá-lo ainda mais bonito.

Nas últimas oficinas de arte para alunos e professores da cidade, a artista plástica Flávia Del Prá pôde trabalhar com o que mais gosta: as intervenções urbanas. Nas oficinas, a proposta representou um prazer e ao mesmo tempo um desafio: pintar a Casa do Professor.

A parte interna da casa ficou por conta das crianças. A primeira série

entrou no clima ouvindo a história A Festa no céu e músicas dos Saltimbancos. Depois, inspirada por obras de Tarsila do Amaral, Basquiat, Chagall e imagens do Renascimento, pintou gatos, onças, coelhos e macacos.

Aos meninos mais velhos, da quarta série, coube a responsabilidade de escolher os desenhos da primeira série para reproduzi-los na parede. Até então, eles achavam que os trabalhos da primeira série iriam ficar pequenos e sem graça. No entanto, a surpresa veio a cavalo: depois de passarem os mesmos desenhos para o acetato, recortaram as formas dos bichos e jogaram sobre o retroprojeter. Quando apagaram a luz, a euforia tomou conta de todos. Nas paredes, os bichos ficaram enormes!

Depois de estudarem a melhor disposição dos animais e um pouco sobre as cores, metade da turma preparou as tintas, e os outros traçaram, um a um, os contornos nas paredes. Ao aprenderem sobre arte em muros, vendo fotografias de muralistas mexicanos, logo inventaram um nome para seu grupo de vanguarda: “Os muralistas curionopolenses”.

Os professores continuaram o trabalho, pintando a parte de fora. Antes, tiveram uma bela discussão sobre o que é um projeto público e como a arte é recebida por quem a aprecia. Dividiram o espaço a ser pintado, como se fosse uma colcha de retalhos, e passaram as imagens nos muros de “sua” casa com estênceis – uma espécie de máscara feita em papel ou outros materiais.

A inauguração da casa no Dia do Professor comemorou também uma nova atitude em relação ao lugar em que se vive. Em tempos de tanta poluição visual e desrespeito aos espaços públicos, nada como utilizar a cidade como suporte para fazer arte de verdade. ■



OFICINAS EM SALA DE AULA

Isabel Graciano

Depois de comermos um bocado de poeira e subirmos de barco o rio Capim, finalmente chegamos à escola de Fortalezinha, em Ipixuna do Pará. Nesta comunidade ribeirinha, cada família vive num trecho do rio, distante da única vila composta por poucas casas, uma igreja e uma escola. A oficina de arte para crianças ali foi um evento: reuniu pais, avós, irmãos e gente curiosa. Os jovens, tímidos, olhavam de longe.

Começamos nos apresentando e falando de nossas árvores preferidas. Virou brincadeira de nomes: Tiago Laranjeira, Maria Goiabeira. As crianças foram tendo um pouco mais de confiança nesta moça vinda de tão longe, cheia de idéias. Conteí a história da Fruta Sem Nome, e elas riam a cada representação feita por mim. Eu havia planejado três propostas de trabalho a partir da leitura de um conto. Os alunos fariam teatro, teatro de sombras ou de máscaras. A maioria votou pelo teatro de sombras e logo começou a desenhar as personagens. Apenas um grupo preferiu as máscaras.

Com as personagens recortadas, em uma sala escura que serviu de palco, montamos o pano e testamos as sombras. Deu certo! Apesar da timidez inicial, as crianças se envolveram tanto que até inventamos uma melodia com tubos de bambu. Com tudo pronto, chamamos os convidados. A sala era pequena, toda a gente se espremia e os meninos naquela emoção! Quando não cabia mais ninguém, iniciamos o espetáculo.

O teatro de sombras me ensinou a magia dentro da maior simplicidade, pois nele o olhar dos espectadores é conduzido apenas pelo mistério e pela imaginação. Não precisa de muito mais que isso. O fim da peça foi emocionante: todos cantaram e as crianças tocaram os bambus usados para dar vida a uma personagem. A peça já tinha terminado e ainda podíamos ouvir a música pelo terreiro.

Uma cena me marcou: já passava de duas da tarde e um pai, com o remo nos ombros, veio chamar o filho perguntando se ia demorar. “Só mais uns minutinhos”. O pai disse que tudo bem. Esperou. Depois de assistir à peça, deixou o remo e abraçou o filho com os olhos brilhantes, todo orgulhoso. E o menino, satisfeito, não escondeu a alegria, o prazer de criar e de ser apreciado. ■

Aluna pinta em oficina na comunidade de Fortalezinha, em Ipixuna do Pará (PA).



E nós com isso?

Em 2004, o Escola que Vale ampliou o projeto de formação de professores. Agora, os especialistas responsáveis pelas oficinas de arte passam um dia em sala de aula trabalhando com os alunos dos municípios. A idéia da atividade é oferecer mais uma ferramenta para os professores, que participam das oficinas. A especialista Isabel Graciano, autora do relato ao lado, esteve em Fortalezinha em agosto deste ano, junto com Sílvia Helena Boock, que também deu aula de arte para as crianças. ■

A HORA DAS ESTRELAS

A cada fim de semestre, escolas viram palcos e galerias por um dia. Paredes e lousas são forradas de desenhos, pinturas e textos. No lugar de cadernos, as carteiras apóiam esculturas, livros coloridos, maquetes feitas com pedra, areia, gelatina imitando água, entre outras “invenções”. Em vez de aviões de papel, varais de poesia cruzam a sala. Nos corredores, gente curiosa observa os alunos, lendo poemas ou monitorando exposições. Ao fundo, soa a falação das crianças animadíssimas. Elas são os artistas nesta mostra chamada Finalização de Projetos.

Antes de chegar ao momento de socializar com a comunidade o saber construído ao longo dos meses, os alunos passam por aprendizagens que envolvem, fundamentalmente, a comunicação oral, a leitura e a escrita. Quando a ideia é lançar um livro, trabalham como escritores – lendo diversos gêneros, escrevendo, relendo e revisando seus textos. Se planejam um sarau, selecionam poemas lidos e aprendem a declamar. Quando precisam falar sobre um assunto estudado, além das pesquisas,

resumos e escolha do que vai para a exposição, ensaiam a monitoria. Tudo é feito para aproximá-los das práticas sociais reais em que se fala, escreve e lê com propósitos definidos e para destinatários verdadeiros.

As diversas propostas de arte têm se aliado cada vez mais às de língua no desenvolvimento dos projetos. Se, por um lado, “os alunos já têm o trabalho com artes incorporado ao cotidiano”, como diz a Coordenadora Regional de Rio Piracicaba (MG), Márcia Cristina Silva, por outro, também passaram a frequentar mais as bibliotecas, a contar histórias em casa, a escrever textos cada vez melhores e a se interessar pelos projetos desenvolvidos em outras classes.

Na hora da exposição, tudo parece passar em um minuto: um aluno aponta na maquete um ponto turístico da cidade, outro fala sobre o bicho-preguiça, enquanto um menino conta um “causo” de suspense aos pais. A noite cai, as crianças não correm mais de um lado para o outro, algumas se jogam, sonolentas, no colo de suas mães. Aos poucos, as pessoas vão deixando a escola, enquanto alguém já organiza as carteiras para o dia seguinte. É uma quinta-feira: *amanhã tem aula*. ■

Só para lembrar: no início de cada semestre, os professores dos municípios elegem diferentes projetos do “Cardápio” elaborado pelo Programa Escola que Vale para desenvolvê-lo em classe. Depois de planejam as etapas de trabalho com as Coordenadoras Regionais e oferecerem aos alunos diferentes atividades, orientam as crianças na elaboração de produtos finais, que podem ser agendas, cartões postais, guias de turismo, livros de receitas, de histórias ou de poemas. Além da leitura, da escrita e da comunicação oral, os produtos finais dos projetos privilegiam também as atividades com arte. ■

TRABALHO DE FORMIGA

Um dos objetivos do Escola que Vale é fazer com que profissionais locais assumam o trabalho em suas cidades. Em Parauapebas, no Pará, Sandra dos Santos Silva, a Sandrinha, é a primeira a ser formada pelo Programa para realizar as oficinas de arte oferecidas aos professores.

A piauiense de 37 anos viveu a história de muitos brasileiros. Sandra entrou nas matas do Pará aos 6 anos, quando os pais foram trabalhar na construção da Transamazônica. “Chegamos numa noite, após dias de viagem em ônibus e pau-de-arara, nos embrenhando pela floresta, por estradas de chão, debaixo de chuva e muita lama.” A luz do

dia trouxe novidades, como casas de pau a pique cobertas de cavacos de madeira, farinha, açaí, peixe, tacacá e o impressionante ‘velocípede’ das crianças: um jaboti que carregava até um homem.

A família morou em várias cidades onde o pai trabalhou, até parar, em 1981, no “inferninho” – o primeiro nome de Parauapebas. Ali, um comércio improvisado na estrada, à base de álcool e prostituição, atendia aos migrantes em busca de emprego no Projeto Carajás. Trabalho, por sinal, é palavra que Sandra conhece desde menina: lembra-se de assistir à derrubada de enormes castanheiras, cheias de “ouriços”, que ela e outras crianças corriam para recolher.

“Parecíamos formiguinhas carregando sacos cheios de castanha”. Depois, foi cozinheira, secretária, bancária até descobrir o artesanato.

“Elegi a arte como fonte de renda, prazer e instrumento de desenvolvimento

na geração de renda e da cidadania”, diz Sandra que, em agosto de 1999, começou como aluna nas primeiras oficinas de arte do Escola que Vale. Logo seguiu como assistente, tendo contato com quase todos os responsáveis pelas oficinas de arte. Hoje, Sandrinha trabalha conosco, estuda pedagogia na Universidade da Amazônia e ainda batalha pela implantação do Centro de Arte e Cultura de Parauapebas.

Sabendo da falta de materiais básicos para o ateliê de arte em muitas escolas, Sandrinha se propôs a pesquisar e a incentivar o uso em sala de aula de materiais alternativos em suas oficinas do Escola que Vale. Se alguém encontrar uma moça baixinha, agachada, varrendo poeira nas lombadas das ruas de Parauapebas, não se espante, é Sandrinha, que, além de criar com sementes e frutos, descobriu nos resíduos da mineração (que descolam dos pneus dos caminhões) ótimas bases para fazer pigmentos. ■



máscaras de argila e pigmentos naturais feitas em oficina de Sandrinha no Pará.

Sandra dos Santos Silva, a Sandrinha.



Encontro entre notáveis

Picasso, Van Gogh, Monet, Di Cavalcanti, Renoir, entre outros artistas, estiveram com Sandrinha em junho deste ano. Calma! Não foi um encontro de fantasmas digno de ser contado por Edgar Allan Poe. O Programa Escola Que Vale trouxe Sandrinha para conhecer alguns museus de São Paulo, tendo o artista plástico Alex Ceverny como guia. Ela esteve no Masp, no Instituto Tomie Ohtake e na Oca. Sua formação não parou por aí: visitou o atelier de Ceverny e participou da reunião geral das oficinas de arte do Programa, quando são feitos o balanço do semestre e o planejamento das próximas atividades. ■



ALTO ALEGRE DO PINDARÉ - MA

Alda Beraldo*

Alto Alegre, porque a parte alta reunia moradores animados por aperitivos e carnes de caça, como tatu, jacaré, capivara, paca... Ou alegre vem da algazarra das aves à beira do Pindaré, rio que corta o município e faz o povoado não ser confundido com outros de mesmo nome.

Nos anos 1960, chegaram caçadores e lavradores que se dedicaram à pesca e ao plantio de arroz e mandioca. O cultivo do arroz diminuiu, mas a colheita ainda atrai muitas pessoas e afasta crianças e alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) da escola.

Nos quase 250 povoados, a mandioca produz um orgulho altoalegrense: farinha, da grossa e da fina, com certificado internacional. Das palmeiras babaçus, aproveitadas da raiz à palha - que cobre muitas casas -, vive gente impedida de explorar terras dos grandes proprietários.

O sustento também vem das poucas casas comerciais e de dar aulas. Em Alto Alegre, há 77 escolas. Convênios com universidades de São Luís formam professores, e há curso de especialização via satélite. Na Casa do Professor, há programas de qualificação e de desenvolvimento escolar, mas ainda se luta contra o alto índice de analfabetismo no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

Caminha-se mais pelas ruas do que pelas calçadas. Nos fins de semana, vibram músicas nas casas e muitos se distraem no rio. Sentadas nas calçadas, pessoas tecem conversas. Crianças fazem a lição, e moças as unhas. Bicicletas, motos e carros de bois passam devagar. Andando, ouvem-se meninos recitando poesias e o CD gravado por eles em projetos do Escola que Vale. Quem sabe essa imagem não venha a ser mais uma explicação para o nome da cidade? ■

Município:	Alto Alegre do Pindaré
Estado:	Maranhão
Fundada em:	1997
Número de habitantes:	1.748
Atividades econômicas:	pesca e agricultura.
Rede de ensino: 73 escolas	com mais de 10 mil alunos

*Alda Beraldo é Coordenadora regional da cidade de Alto Alegre do Pindaré (MA), onde o Programa Escola Que Vale está desde janeiro de 2003.

UM LIVRO NAS MÃOS DE VALDA

Alda Beraldo

Eram quatro cadeiras de ferro e de plástico azul, verde e vermelho. Em uma delas um rapaz, na outra uma senhora, na terceira uma jovem magrinha, de saia preta, blusa amarelo-ouro e cabelos presos, segurando um livro.

Entusiasmada, Valda lia em voz alta para a senhora e o rapaz, cujos olhos caminhavam para um além de não sei onde. Como quem está diante de uma reza, passei por ela sem ousar interromper. Nada desviava olhos e ouvidos das palavras que nasciam do livro.

Recebi o convite - “Não quer sentar?” - e Valda contou o quanto era maravilhoso aquele livro. Leu trechos, comprovando porque se encantara. Meus olhos pousaram no colo da avó. Sobre o estampado da saia, havia um mini-dicionário surradinho, surradinho. Comentei. Valda tinha procurado a palavra “anorético”. Com o mesmo carinho com que ela segurava o livro, a avó, companheira, segurava o dicionário.

Valda explicou que lera na capa: Pais brilhantes, professores fascinantes! – devia ser bom. E agora estava ali, em deleite, sua cadeira quase flutuava. Então contou uma das histórias do livro. Falava. Falava e me tocava com as pontinhas dos dedos frios. Todos ouvíamos atentos.

Pedi-me para encomendar uma gramática, a dela era “muito pequenininha”. Comentou que sua irmã gostaria de ser monitora de leitura para crianças no projeto que começávamos a criar.

Ouvi mais alguns trechos do livro, conversamos mais um pouco e nos despedimos, não sem antes eu me emocionar com o quanto faz bem partilhar leituras que começam na varanda e seguem pela vida. ■

Professor-leitor

Formar leitores é um dos principais objetivos do Programa Escola que Vale. A Valda desta crônica é um exemplo dos cerca de 1.250 professores participantes do Programa. Estes que nos inspiram, confirmam a idéia de que um leitor apaixonado é capaz de formar vários outros. ■

+ EQV

Educação ambiental em Canaã dos Carajás (PA)

Canaã dos Carajás é uma cidade que cresce a cada dia. O Programa Escola Que Vale, que entrou no município em agosto de 2002, também foi ampliado e iniciou, em agosto de 2004, o projeto de educação ambiental. Este trabalho de formação considera a realidade local, sua paisagem e suas riquezas para gerar conhecimentos e competências necessárias para que a comunidade possa gerir as questões sócio-ambientais locais. A idéia é formar, até o fim de 2005, pessoas que continuem o projeto na região e que, acima de tudo, tenham ferramentas e autonomia para tomar decisões no futuro, cuidando do ambiente em que vivem. ■

Fase 2 – formação à distância

Uma de nossas preocupações com relação às cidades em que atuamos tem sido a de criar condições para “passar o bastão”, ou seja, para que elas caminhem com as próprias pernas a partir do momento em que sairmos de cena. Para isso, iniciamos a Fase 2 com vistas a preparar formadores locais que, aos poucos, possam assumir o trabalho que realizamos. A passagem é feita de forma cuidadosa e conta com uma estrutura de orientação que articula a comunicação entre coordenadores gerais, regionais e locais.

O projeto já está em 6 das 18 localidades do Programa Escola que Vale e, além de apoiar os técnicos das Secretarias de Educação, segue com a formação a distância. O permanente acompanhamento do trabalho procura dar suporte às ações dos professores, tendo como matéria-prima das supervisões, o estudo da didática à luz do que ocorre nas salas de aula.

A Casa do Professor é espaço fundamental, pois possui biblioteca, videoteca, telefone e o website do programa, em que professores podem participar do fórum de debates e entrar em contato com outros profissionais. O diálogo é a base desta rede que buscamos constituir, motivo pelo qual estimulamos os municípios a trocarem experiências entre si. Assim, continuamos a conversa em diferentes meios, esperando deixar esses formadores com a faca e o queijo nas mãos. ■

Cidades que estão na segunda fase do projeto: Açailândia, no Maranhão; Barcarena, Parauapebas e Marabá, no Pará; João Neiva, no Espírito Santo; e Catas Altas em Minas Gerais.



cedac

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Maria do Carmo Carvalho Campello de Souza

Vice-presidente: Antonio de Pádua Prado Junior

Conselheiros

Esther Império Hamburger

Helena Maria Freire da Mota e Albuquerque

Lino de Macedo

CONSELHO FISCAL

Presidente: Fernando Lopes Carvalho

Vice-presidente: Joaquim Martins dos Santos

Conselheiro: Ary Perez

Coordenação geral

Beatriz Cardoso

Cristina Pereira

Tereza Perez

Coordenação pedagógica

Beatriz Cardoso

Cristina Pereira

Regina Scarpa

Tereza Perez

Equipe pedagógica e colaboradores

Aloma Fernandes Carvalho

Alda Terezinha Beraldo

Ana Amélia Inoue

Andréa Guida Bisognin

Ariana Coelho Rodrigues Rocha

Claudia Aratangy

Cristina Zelmanovits

Eliane Míngues

Francineide Bezerra

Márcia Cristina da Silva

Maria de Lourdes Mello Martins

Maria Priscila Monteiro

Maria Maura Barbosa

Miriam Louise Seguerra

Neusa Lucia Fornasier

Patrícia Helena da Silva Diaz

Paula Stella

Roberta Leite Panico

Sandra Mayumi Murakami Medrano

Waldirene da Graça Maciel Costa

Equipe das Oficinas

Adelson Murta Filho

Alex Cerveny

Chakê Ekizian

Cícero Zeni

Cláudio Bazzoni

Davi Almeida L. Carvalho

Flávia Del Prá

Hélade da Rocha Correa

Heloisa Pacheco

Isabel Graciano

Inaê Coutinho

Iza Figueiredo

Laura Barbieri

Maria Morena de Godoy

Ornella Moraes

Pedro Mourão

Sandra Santos

Stela Barbieri

Sylvia Helena Boock de Freitas

Talita Ramalho

Tânia Fernandes

Thea Standerski

Valéria Pimentel

Equipe de produção

Clara Assumpção

Fernanda Savoldi

Luana Haddad

Manoela Figueiredo

Equipe gerencial

Fátima Assumpção

Tereza Perez

Apoio administrativo

Manoel Félix de Lima Junior

Maria Eunice Fernandes Felipe

Maria Lucinete Amorim Pereira

Renato Augusto da Conceição

Solange Rigo

Tânia Barilli

Tatiane Lemes

Entre no site www.cedac.org.br e saiba mais sobre a identidade, os compromissos, valores e objetivos do CEDAC. Conheça também os conceitos e metodologias de trabalho, além das parcerias, dos projetos e produtos que temos desenvolvido em nossa trajetória. ■



Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária
rua Hermes Fontes, 164 Vila Madalena 05418-050 São Paulo SP
tel (11) 3097 0523 www.cedac.org.br